

O DIA EM QUE DORIVAL ENCAROU A GUARDA  
Roteiro de Giba Assis Brasil, Ana Luiza Azevedo,  
Jorge Furtado e José Pedro Goulart  
A partir do capítulo 8.2 de "O amor de Pedro por João"  
de Tabajara Ruas;  
24/11/1985

\*\*\*\*\*

#### CENA 0 - CRÉDITOS INICIAIS

Letreiros simples, em letras brancas sobre fundo preto. Ouve-se, ao longe, uma batucada monótona, de ensaio de escola de samba, que começa quase imperceptível e vai subindo aos poucos, até chegar ao som que supostamente seria ouvido na cena inicial.

Sobre esta trilha-base, ouvem-se alguns acordes incidentais, prolongados, destoando da batucada. O último letreiro termina em fade out, escurecendo a tela.

#### CENA 1 - FACHADA DO QUARTEL - EXT/NOITE

Exterior de um quartel, à noite. Vê-se primeiramente o céu, escuro, como se fosse uma continuação do final dos créditos. A câmara desce (em grua) e mostra os muros do quartel, sua fachada, a porta de entrada e finalmente a casinha do vigia, parando ao descobrir, em primeiro plano, o rosto do SENTINELA, rígido, estático, a não ser por uma gota de suor que corre pelo seu nariz. Ele pisca os olhos, aflito, como que tentando acelerar a queda da gota, mas sem mover o rosto.

Durante toda a cena, ouve-se ainda a batucada, ao longe, sublinhada por um longo acorde incidental que surge juntamente com o rosto do sentinela, e que acompanha a queda da gota de suor.

#### CENA 2 - CORREDOR INTERNO - INT/NOITE

Um corredor sombrio visto em perspectiva, câmara baixa. Ao fundo, uma parede, onde se vê um retrato ainda não identificável. Ao fundo, à direita, uma passagem para um outro corredor, mas interrompida por uma porta gradeada. É deste corredor que vem a luz que ilumina a cena, projetando a sombra da porta gradeada sobre o corredor principal.

Câmara avança lentamente, em travelling. Ouvem-se passos, vindos do corredor à direita, aproximando-se. Já é possível identificar o retrato no fundo do corredor: trata-se da fotografia presidencial do General Medici.

Ao mesmo tempo, aparece no chão uma sombra, vinda do corredor à

direita, e que vai crescendo à medida que os passos se aproximam. De repente, por um segundo, a sombra pára de crescer; não se ouvem mais os passos.

CENA 3 - CORREDOR DAS CELAS - INT/NOITE

Câmara no final do corredor das celas, vendo-se, ao fundo, a porta gradeada que dá para o corredor interno mostrado na cena anterior. Perto da porta, o dono da sombra, um PRAÇA fardado, arma ao ombro, vira-se em direção à câmara, para prosseguir a sua ronda. Os passos recomeçam. Em perspectiva, vêem-se quatro ou cinco portas de cela de cada lado do corredor.

O praça se aproxima da câmara, e nota-se que ele está suado, incomodado com o calor. Quando está quase chegando do outro lado do corredor, ouve-se um vozeirão.

DORIVAL (OFF)  
Ô, praça, vem cá.

O praça leva um susto, estremece. A voz é realmente poderosa. Vira-se, devagar.

DORIVAL (OFF)  
Aqui.

O praça vai até a cela de onde vem o chamado. Olha pela janelinha gradeada e vê o rosto enorme e suado de um negrão, DORIVAL.

DORIVAL  
Praça, seja camarada. Me leva até o banheiro e deixa eu tomar um banho. Tou derretendo aqui dentro.

O praça sorri, ao ver que não era nada sério. Não precisava ter se assustado. Faz ar de autoridade.

PRAÇA  
Não pode.

DORIVAL  
Não pode por quê? Eu não consigo dormir com este calor.

PRAÇA  
São ordens.

DORIVAL  
Ô, meu chapa, não custa nada. Faz dez dias que eu não tomo banho. Esta merda desta cela não tem janela. Tou sufocando. Em cinco minutos eu tomo uma ducha. Não custa nada.

PRAÇA  
(insistindo) Não pode.

DORIVAL  
(mudando de tom) Porra, mas isso é idéia fixa. Por que não pode, caralho?

PRAÇA  
Ordens.

DORIVAL  
E quem deu a ordem?

PRAÇA  
O cabo.

DORIVAL  
Então chama o cabo que eu quero falar com ele.

O praça arregala os olhos, impressionado com a audácia do crioulo.

PRAÇA  
Chamo nada. Vai pro teu catre e fica quieto.

O rosto do negrão se contrai, esgotada a paciência. Começa a falar devagar, veemente.

DORIVAL  
Escuta aqui, ô, catarina, barriga verde, batata descascada, polaco comedor de sabão: (Vai acelerando o texto, aumentando o tom de voz, sublinhando algumas palavras com porradas na porta e puxões nas grades.) tu vai lá chamar este cabo, senão eu vou começar a gritar e berrar e dar porrada aqui dentro, e vou fazer um escândalo tão grande que vou acordar o cabo, a mãe do cabo e até o general desta porra aqui. E não pensa que eu tou brincando, catarina, porque eu já vou começar agora mesmo...

#### CENA 4 - KING KONG (ARQUIVO)

Enquanto Dorival fala o texto anterior, o praça, apavorado, vê a porta da cela estremecer. E vê, em rápidos flashes, dentro da cela, urrando e sacudindo as grades, não o negrão que estava ali até ainda há pouco, mas o King Kong que ele viu na TV semana passada.

Por baixo do texto de Dorival e dos ruídos da cena, ouve-se música, um acorde prolongado que vai subindo com a intensidade dramática das imagens. A seqüência termina quando Dorival/King Kong aplica um forte pontapé na porta da cela/jaula.

## CENA 5 - GALPÃO - INT/DIA

Galpão de uma fazenda típica de western americano. Começa com tudo escuro, a porta do galpão fechada, câmara virada pra porta.

Ouve-se um barulho muito forte (continuação do acorde musical da cena anterior) e a porta é posta abaixo. Por trás dela aparece um CAUBÓI, em contra-luz, contra-plongê, arma na mão. Faz um pequeno movimento de rosto, olhando em redor, o cigarro pendendo da boca.

Ponto de vista do caubói: a câmara faz uma panorâmica mostrando o interior do galpão, um cavalo, um monte de feno, alguns objetos, mas nada do que ele está procurando. Silêncio. Ao fundo, uma porta dá para outro compartimento do galpão.

O caubói resolve avançar até lá. Ouve um leve ruído, fica atento, prepara o revólver. Mas é apenas uma galinha que, assustada, sai cacarejando e soltando as penas.

O caubói continua avançando. Ouve outro ruído, agora claramente humano: um gemido abafado. Ultrapassa a porta, resoluto.

Vê uma MULHER LOIRA, amordaçada e amarrada a um dos troncos que sustentam o galpão. Olha em volta. Ninguém. Silêncio. Guarda a arma no coldre. Tira uma faca da bota.

A mulher arregala os olhos, apavorada. O caubói vai até ela e, com a faca, corta a corda que a amarrava. Ela suspira, aliviada. Ele sorri.

Neste momento, por trás dele, pula de cima para baixo um APACHE, pintado para a guerra. Cai no chão em posição de ataque, segurando uma faca, ameaçador. O caubói se vira rapidamente e toma posição semelhante.

Os dois se encaram, faca contra faca. A mulher está novamente apavorada. A música, que surgiu junto com a queda do índio, está no auge, mas é interrompida por uma voz OFF.

PRAÇA (OFF)  
Cabo!

O caubói e o apache viram-se para a câmara ao mesmo tempo, sem entender o que está acontecendo.

## CENA 6 - ESCRITÓRIO DO CABO - INT/NOITE

Escritório do cabo, na verdade uma pequena sala onde mal cabem uma escrivaninha, uma cadeira e um retrato presidencial do General Geisel. O CABO está sentado na cadeira, as pernas sobre a escrivaninha, o cigarro pendurado na boca, lendo atentamente um

western de bolso. A cena começa com um plano detalhe da capa do livrinho. Ouve-se, pela segunda vez, a voz OFF do praça.

PRAÇA (OFF)  
Cabo!

As mãos do cabo baixam o livrinho e, por trás (correção de foco), aparece o rosto do cabo (obviamente, o mesmo rosto do caubói), o cigarro pendurado, metade transformado em cinza que o calor e a preguiça impediram de sacudir.

CABO  
(indignado por ter tido sua leitura interrompida)  
Qualé?

PRAÇA  
O preso da cela quatro.

CABO  
(insistindo) Qualé?

PRAÇA  
Quer falar com o senhor, meu cabo.

CABO  
(já irritado porque o outro não desenvolve o assunto) Qualé? Qualé?

PRAÇA  
Diz que vai fazer um escândalo, que vai começar a gritar. Aliás, já começou. E é um negrão deste tamanho, parece o King Kong.

CABO  
(irônico) Um negrão deste tamanho? Porra, catarina, tu vem interrromper a minha leitura porque um negrão deste tamanho, dentro duma cela trancada a chave, começou a gritar?

PRAÇA  
Mas, cabo, eu não sabia se --

CABO  
(cortando) Tu não sabe de nada mesmo, né? (Levanta-se.) Eu vou lá dar um jeito no negrão deste tamanho.

Atira o livrinho sobre a mesa e sai andando.

CENA 7 - CORREDOR DAS CELAS - INT/NOITE

Pela janelinha da cela, Dorival vê o cabo se aproximar. O cabo chega e encara Dorival.

CABO  
Qualé?

DORIVAL  
(com paciência) Cabo, eu queria pedir licença pra tomar um banho, coisa rápida. Faz dez dias que não me deixam tomar banho. Mas hoje tá insuportável, palavra.

CABO  
(Franze a testa, semicerra os olhos, mal move os lábios.) Tu sabe onde tá, ô, cara?

DORIVAL  
Sei, cabo, mas --

CABO  
Senhor cabo!

DORIVAL  
Senhor cabo. Acontece que eu --

CABO  
Acontece que tu tá em cana, crioulo, e malandro que é malandro chia mas não geme. Cala esta matraca e vai dormir.

DORIVAL  
Mas, cabo --

CABO  
Senhor cabo, já disse.

DORIVAL  
(mudando subitamente de tom) Cabo e merda pra mim é a mesma coisa.

CABO  
(dando um salto pra trás) Quê?

DORIVAL  
(agarrado nas grades, furioso) Viado. Tu não me engana com essa pinta, não. Teu negócio é dar o rabo pros recrutas. Aposto que quem te enraba é o catarina aí. Agora abre esta porteira que eu quero tomar banho.

CABO  
(tentando dar a volta por cima) Macaco não toma banho. E não me faz perder a paciência, crioulo, senão eu abro esta jaula e te mostro com quantas bananas sse faz um piquenique.

DORIVAL

Então abre. Abre, boneca de catarina.

O cabo cospe o cigarro pro lado. Olha de relance pro praça, que tá paralisado. Apruma os ombros.

CABO

Tu tá com sorte, negrão. Só não abro esta joça porque tenho ordens pra não abrir.

DORIVAL

Ordens? Que ordens?

CABO

Ordens, pomba!

DORIVAL

Ordens de quem?

CABO

Não interessa. Ordens são ordens.

DORIVAL

Tu é tão pé-de-chinelo que não sabe nem de quem recebe ordens?

CABO

E tu é tão burro que não sabe que cabo recebe ordens de sargento?

DORIVAL

Então vai chamar o sargento.

CABO

Tu tá doido, crioulo.

DORIVAL

(desafiador) Olha aqui, boneca: vai chamar este sargento ou dou um escândalo tão grande nesta merda que vão te rebaixar pra recruta outra vez, e aí babaus, não vai ter catarina que queira comer rabo de recruta.

O cabo olha firme pro negrão, ainda indeciso. Pensa. Aponta pra ele.

CABO

Tu vai entrar por um cano, crioulo...

Ensaio de escola de samba, uma ou duas semanas antes do carnaval. A cena começa com um plano fechado da batucada. Corta para um plano geral da quadra, mostrando toda a "COZINHA", uma grande quantidade de pessoas com instrumentos de percussão, fazendo uma batucada semelhante à que se ouvia no início do filme, porém agora num volume bem mais alto. Ao fundo da quadra, limitando-a, vê-se uma cerca branca, alta.

CENA 9 - ORELHÃO - EXT/NOITE

Num orelhão, do lado de fora da quadra, ao lado da cerca mostrada anteriormente, a mulata ANA NEUSA tem dificuldades pra falar ao telefone, porque o som que vem da bateria é muito alto. A alguns passos de distância, discretamente, um CRIOULO observa Ana Neusa ao telefone.

ANA NEUSA

Benhê! Eu não tou te ouvindo direito.

CENA 10 - ESCRITÓRIO DO SARGENTO - INT/NOITE

Escritório do sargento, bem mais espaçoso e confortável que o do cabo: tem uma mesa de trabalho, cadeiras, um sofá-cama, a foto presidencial do General Figueiredo e até telefone. O SARGENTO (também crioulo) está de pé, rosto suado, ao telefone.

SARGENTO

(falando alto) Eu falei que não vai dar! Tou de serviço a noite toda!

(A partir deste ponto, intercalam-se planos das cenas 9 e 10.)

ANA NEUSA

Não vai dar? Mas tu não falou com o tenente?  
(Percebe o crioulo observando-a, assusta-se.)

SARGENTO

Não adianta. Peguei serviço. São ordens.

ANA NEUSA

O quê? (O crioulo sorri pra ela. Ela fica nervosa.)

SARGENTO

Eu falei que são ordens.

ANA NEUSA

Mas o Ademar falou que tu já perdeu muito ensaio. E que ele vai ter que botar outro no bumbo.

SARGENTO

(pra si mesmo) Puta merda! (ao telefone) Azar!



Amanhã eu acerto isto com o Ademar.

ANA NEUSA

(sorrindo pro crioulo, distraída) O quê? O quê que tem o Ademar?

SARGENTO

(gritando, nervoso) Nada! Amanhã eu falo com ele.

ANA NEUSA

(voz melosa, falando ao telefone mas olhando pro crioulo à sua frente) Benhê....

SARGENTO

O quê, Ana Neusa?

ANA NEUSA

(ainda olhando pro crioulo, que sorri) Um beijo.

(Aqui, termina a última entrada da cena 9.)

SARGENTO

O quê, negrinha?

Mas o telefone do outro lado já está desligado. O sargento não insiste, mas fica com o aparelho na mão, pensativo. Neste momento, batem à porta. O sargento se vira.

CABO

(entreabrindo a porta) Dá licença, sargento?

O sargento olha para o cabo, olha para o telefone ainda na sua mão. Bate o telefone. Faz sinal para o cabo entrar. O cabo se enquadra.

CABO

Sarja, o crioulo da cela quatro tá a fim de bagunçar o coreto. Digo, desculpe, sarja, o preso da cela quatro.

SARGENTO

Quê que ele quer?

CABO

Tomar banho.

SARGENTO

Não pode.

CABO

Eu disse pra ele.

SARGENTO

Então? Assunto encerrado.

CABO

Mas ele disse que vai armar um escândalo, começar a gritar.

SARGENTO

A esta hora da noite?

CABO

O senhor vê.

SARGENTO

Mas tu disse que ele não pode tomar banho?

CABO

Disse. Ele tem ordens pra não tomar banho.

SARGENTO

(corrigindo) Ele não tem ordens pra não tomar banho. Existem ordens pra que ele não tome banho.

CABO

Pois é. Ordens são ordens.

SARGENTO

Ele ameaçou gritar?

CABO

Ameaçou. É um baita dum negrão deste tamanho. Desculpe, sarja. Tem um vozeirão que vou te contar. Se começa a gritar, se ouve até lá na escola de samba.

O sargento suspira ao lembrar da escola de samba, olha instintivamente pro telefone. Plano do telefone, mudo.

#### CENA 11 - CORREDOR DAS CELAS - INT/NOITE

Começa com um plano fechado no sargento, como se ele ainda estivesse no seu escritório conversando com o cabo.

SARGENTO

Não pode.

DORIVAL

Não pode por quê?

SARGENTO

Não pode porque são ordens.

DORIVAL

Ordens de quem, porra?

SARGENTO  
Não interessa.

DORIVAL  
(reunindo toda a paciência disponível) Mas, sargento... Não dá pra esquecer estas ordens só por um minutinho? Eu tomo uma ducha num instante. Faz dez dias que eu --

SARGENTO  
(cortando) Não pode. Chega de papo. Ordens são ordens. Amanhã a gente fala nisso.

DORIVAL  
Mas amanhã tem outro na guarda.

SARGENTO  
Então outro dia.

DORIVAL  
(desistindo) Ah, tu tá é com medo!

O sargento sorri, tolerante. O cabo e o praça se olham.

SARGENTO  
Vai dormir que isso passa, rapaz. Não procura sarna pra te coçar. Meu lema é --

DORIVAL  
(ríspido) Tu não tem lema. Pau mandado não tem lema.

O praça e o cabo tornam a se olhar. O sargento ainda tenta contornar a situação.

SARGENTO  
Olha aqui, rapaz. Devagar. Relaxa. Não tenho nada contra ti, mas eu sou sargento aqui e posso --

DORIVAL  
Sargento e merda pra mim é a mesma coisa.

## CENA 12 - CASABLANCA (ARQUIVO)

O diálogo entre o sargento e Dorival prossegue, só que agora em inglês, com legendas em português, e quem fala são os personagens de "Casablanca", Rick e Sam.

SARGENTO/RICK  
Look, nigger I can give you a whipping.  
(legenda: Olha, crioulo, que eu posso te dar um

pau.)

DORIVAL/SAM

Come!

(legenda: Vem!)

SARGENTO/RICK

I'm a patient man, nigger.

(legenda: Eu sou um cara de paciência, moreno.)

DORIVAL/SAM

So let me take a bath.

(legenda: Então deixa eu tomar um banho.)

SARGENTO/RICK

You can't!

(legenda: Não pode!)

DORIVAL/SAM

Why?

(legenda: Por quê?)

SARGENTO/RICK

I've told you.

(legenda: Já disse.)

DORIVAL/SAM

Who gave the order?

(legenda: Quem deu a ordem?)

SARGENTO/RICK

Doesn't matter.

(legenda: Não interessa.)

DORIVAL/SAM

So I'm gonna shout in here.

(legenda: Então eu vou começar a berrar aqui dentro.)

SARGENTO/RICK

I'll go there and give you a whipping.

(legenda: Eu vou aí dentro e te dou um pau.)

DORIVAL/SAM

Come!

(legenda: Vem!)

CENA 13 - QUARTO DO TENENTE - INT/NOITE

Quarto do tenente, completamente diferente dos escritórios do cabo e do sargento: poltronas confortáveis, ar condicionado, televisão. Na parede, ao fundo, uma fotografia presidencial do Sarney. O

TENENTE (olhos azuis, rosto meio infantil, tranqüilo) está assistindo "Casablanca" na TV. Quando Dorival diz "come!", batem à porta. O tenente faz uma expressão de enfado, desliga a TV.

TENENTE  
Entra!

O sargento entra, a cara de desânimo brilhando de suor.

SARGENTO  
Com licença, tenente.

TENENTE  
O que há, sargento?

SARGENTO  
Tem um preso fazendo confusão. Quer tomar banho.

TENENTE  
A esta hora?

SARGENTO  
Ele não toma durante o dia.

TENENTE  
Por quê?

SARGENTO  
Ordens.

TENENTE  
Ah.

O tenente pensa um pouco. Resolve perguntar.

TENENTE  
Ele tem ordens de não tomar banho só durante o dia?

SARGENTO  
(cuidadoso) Não está especificado, tenente.

TENENTE  
Bom... Acho que, se não pode de dia, também não pode de noite.

SARGENTO  
Assim me parece, tenente.

TENENTE  
Então, está resolvido o caso.

SARGENTO  
(com cara de que "não é bem assim") É que ele tá

querendo confusão mesmo, tenente. Tá ameaçando gritar e acordar todo mundo e tal e coisa.

O tenente franze a testa, surpreso, e pergunta.

TENENTE  
Mas quem é este preso?

SARGENTO  
(consultando a planilha) O nome dele é Dorival.

CENA 14 - CORREDOR DAS CELAS - INT/NOITE

Agora os quatro estão no corredor, em frente à cela de Dorival: o praça, o cabo, o sargento e o tenente.

DORIVAL  
Me diga uma coisa, tenente: sinceramente, o senhor sabe quem deu esta ordem?

TENENTE  
Vou te dar um conselho pro teu próprio bem, rapaz: vai dormir. Tu tá nervoso. Amanhã isto passa.

DORIVAL  
(desafiador) Se não diz é porque não sabe.

TENENTE  
Amanhã eu conversei com o capitão sobre o teu banho.

DORIVAL  
Se não sabe quem deu a ordem e obedece, é um boneco. Não é um homem, é um boneco.

TENENTE  
(irritadíssimo) Me respeita, negro! Me respeita!

DORIVAL  
Tenente e merda pra mim é a mesma coisa.

O tenente permanece imóvel, paralisado. Sente que o cabo, o sargento e o praça estão aguardando. Resolve agir. Lembra uma frase de efeito, que ele ouviu do pai, na fazenda, há muito tempo.

TENENTE  
Cafre miserável, vou te dar uma lição!

Mas, antes que possa fazer qualquer coisa, leva uma cuspidinha - direta, certeira - no olho azul. Encantamento. Por um instante, os quatro não sabem o que fazer.

O sargento reage: dá um berro e pula pra porta da cela, batendo

com a coronha da metralhadora nas grades. Dorival tira as mãos das grades e ri do sargento. O praça continua apavorado. O cabo leva a mão à coronha do Colt. O tenente manda parar.

TENENTE  
Alto! Alto!

Todos param. O tenente transpira, nervoso.

TENENTE  
Sargento.

SARGENTO  
Pronto, tenente.

TENENTE  
Tem a chave desta cela?

SARGENTO  
Sim, tenente.

TENENTE  
Abre.

O sargento mexe nos bolsos, nervoso. Pega um molho de chaves. O tenente observa. Dorival encara.

TENENTE  
Sargento.

SARGENTO  
Tenente.

TENENTE  
Espera um pouco. (Vacila, ofegante.) Traga reforços.

SARGENTO  
Sim senhor, tenente. Quantos homens?

TENENTE  
(encolhendo os ombros) Bom... dois. Dois bastam.

O sargento olha enérgico pro cabo. O cabo olha enérgico pro praça. O praça se enquadra e sai, em passo acelerado.

O cabo, o sargento e o tenente aguardam. Não se encaram. O negrão aproxima o rosto das grades, sorrindo.

DORIVAL  
Tenente, quer saber quem deu a ordem?

Os três olham pra ele, sem dizer nada.

DORIVAL

Foi o carcereiro. Porque não vai com a minha cara. Na verdade, não existe ordem nenhuma. Vocês tão obedecendo a ordem de um paisano que nem eu.

Passos no corredor. O praça aproxima-se com mais QUATRO SOLDADOS. O sargento e o tenente cruzam o olhar: mandaram chamar dois, mas, já que vieram quatro... O grupo chega e aguarda as ordens. O tenente faz sinal pro sargento.

SARGENTO

Vamos dar uma lição neste insubordinado. Que ninguém use arma de fogo sem receber voz de comando. É só umas porradas pra ele aprender a respeitar a autoridade.

TENENTE

Muito bem. Abre.

O sargento pega a chave para abrir a porta. Os outros olham, rostos cobertos de suor. A porta abre.

No fundo da cela, o vulto de Dorival, no escuro, encostado à parede.

Todos olham para o tenente. O tenente olha pro sargento, faz-lhe um sinal com a cabeça. O sargento, metralhadora na mão, cria coragem e vai entrando.

SARGENTO

Tu tá fodido, negrão.

O vulto do negrão avança um passo e o rosto dele entra na luz, sorrindo.

DORIVAL

(berrando) Milico e merda pra mim é a mesma coisa!!!

CENA 15 - CELA - INT/NOITE

Sobe música. O tenente enlouquece, grita. Todos entram na cela.

O primeiro que chega perto de Dorival esborracha a cara num soco. O segundo voa com um pontapé no estômago e vai bater na parede. O terceiro acerta uma coronhada no rosto de Dorival.

O sargento atinge-lhe a nuca com uma coronhada de metralhadora. O cabo, um pontapé nas costas. Dorival cai. Os outros caem em cima, batendo. O praça se encosta à parede, enjoado.

Tudo isto intercalado com a fantasia de cada um: King Kong, o Western, o ensaio da escola de samba (um bumbo batendo, sempre),



Casablanca.

A seqüência termina junto com a música, o negrão todo arrebetado e a soldadama em cima. O tenente manda parar.

Eles se levantam, devagar. O tenente respira fundo, põe a camisa pra dentro das calças. Olha de cima para Dorival, no chão, inconsciente, ensangüentado. O tenente sorri, vitorioso.

TENENTE

Limpem o sangue.

CENA 16 - BANHEIRO - INT/NOITE

O banheiro do quartel, vazio. Câmara baixa, mostrando as paredes com azulejos velhos, vários chuveiros desligados, a porta ao fundo. Ouvem-se ruídos.

Pela porta, entram dois soldados arrastando Dorival pelo chão, puxando-o pelos pés e braços.

Detalhe da mão abrindo a torneira. Em contra-plongê, vê-se a água caindo do chuveiro.

Dorival está deitado no chão do banheiro, ainda ensangüentado, a água fria caindo sobre seu rosto. Recobra os sentidos, esboça um sorriso, recebe a água no rosto machucado. Apóia-se nos cotovelos, as costas na parede. Fica de olhos fechados gozando a água.

O sargento, ao lado dele, agacha-se com um suspiro, acende dois cigarros e estende-lhe um, silenciosamente.

Por baixo do ruído da água caindo, sobe música. Entram os créditos finais.

FIM

\*\*\*\*\*

(c) Giba Assis Brasil, Ana Luiza Azevedo, Jorge Furtado e José Pedro Goulart, 1985-1986  
<https://www.casacinepoa.com.br>